

# ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Melissa Sayuri Toyoshima<sup>1</sup>

Dr<sup>a</sup> Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso possui por finalidade analisar o contexto de duas realidades escolares de ensino aprendizagem do primeiro ano do ensino fundamental, compreendendo as práticas pedagógicas que as professoras utilizam e suas principais diferenças entre a escola pública e a privada. Problematizando um ideário de qualidade de ensino refletindo mecanismos que envolvem a educação, procurando contribuir para a realidade educacional. Entendendo que por diversos fatores a escola privada possui recursos que possibilitem o sucesso e aprendizado dos alunos, sendo organizada de outra maneira, com outras formas didáticas.

**Palavras Chave:** Escola Pública. Escola Particular. Práticas de ensino.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the context of two school realities of teaching learning in the first year of elementary school, in order to compare school performance about literacy and its main differences between public and private school. Problematizing an ideal of teaching quality reflecting mechanisms that involve education, seeking to contribute to the educational reality. Understanding that for various factors the private school has resources that enable the success and learning of students, being organized in another way, with other didactic forms.

**Keywords:** Public School. Private school. Teaching practices.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 4º do curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Maringá, Campus em Maringá. E-mail: melissa.say12@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial) pela Universidade Federal de São Carlos, e professora assistente da Universidade Estadual de Maringá. Email: garalencar@uem.br

## 1. INTRODUÇÃO

Como futuros professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, temos que considerar que a alfabetização ainda apresenta muitos problemas, tornando-se objeto de estudo para muitos acadêmicos. O analfabetismo no Brasil ainda é um problema recorrente, é perceptível que os educandos não estão conseguindo relacionar o processo de leitura e escrita com as práticas de letramento. Contudo, esta não é uma dificuldade recente, pelo contrário, trata-se de um problema persistente na história da alfabetização no Brasil. Assim pesquisas sobre a alfabetização e letramento tornam-se relevantes, por possibilitar a análise de métodos e abordagens que são utilizadas pelos docentes na prática de ensino.

Ao longo da história brasileira desde a Proclamação da República, percebe-se que a inquietude com a educação é uma constante, preocupando-se com as crianças com vistas a possibilitar que as mesmas sejam alfabetizadas e adquiram conhecimentos necessários para a vida em sociedade, muitos estudiosos tem se dedicado ao estudo da alfabetização, buscando suporte para este problema. O processo de aprender a ensinar a ler e escrever passa a ser a passagem para o mundo da cultura letrada. Para tanto, a alfabetização torna-se um objeto de estudo importante para os pesquisadores, necessitando de alterações na busca de possíveis soluções para sanar os problemas decorrentes da educação no aspecto de alfabetização, visto que grande parte da população brasileira é analfabeta.

Nos últimos anos estudos acerca das notas médias dos alunos de rede privada e pública vem sendo mensuradas por meio de avaliações baseadas no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) calculando o índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Em vista disto um aspecto importante a ser frisado é a diferença do rendimento e desempenho observados entre escolas públicas e privadas, na qual alunos do setor privado alcançam resultados superiores em relação ao público.

Diante desta constatação um questionamento se faz presente. Como os professores alfabetizadores da rede pública e particular articulam, em suas práticas docentes, as concepções teóricas sobre o processo de alfabetização?

Sendo assim, este artigo tem por objetivo descrever as concepções cristalizadas nas práticas docentes por duas professoras, umas da rede pública e outra da rede privada. Para tanto, fizemos um relato de experiências de vivências em duas salas de 1º ano do Ensino Fundamental, sendo uma de rede privada onde somos estagiárias e outra da rede pública onde atuamos por meio do Programa Residência Pedagógica (RP).

O aporte teórico utilizado para fundamentar as análises referem-se a estudos sobre alfabetização desenvolvidos por Mortatti (2000), Soares (2010), Ferreira (2001), dentre outros.

## **2. ALFABETIZAÇÃO: ASPÉCTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS**

De acordo com a Constituição Federal de 1988, LDB 9394/96 e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), o acesso à escola é um direito de todos seja ela pública ou particular. No entanto, ainda hoje há situações de crianças que não possuem acesso a uma escola pública de qualidade e, por sua vez, não atingem os objetivos propostos de cada série, ficando fadadas as grandes dificuldades escolares que dificilmente serão corrigidas em anos posteriores, resultando em altos índices de evasão e repetência escolar, ao longo do Ensino Fundamental, sobretudo do 6º ao 9º ano.

Segundo Patto (1999), o fracasso escolar persiste ao longo da história da escola pública e suas tentativas de superação são em vão, pois, não há progresso.<sup>1</sup>

Ações desenvolvidas nas escolas principalmente públicas são insuficientes, no que se refere a transmissão do saber historicamente acumulado, portanto, não forma cidadãos críticos capazes de transformar o meio em que vivem. Por sua vez, essa situação desencadeia uma série de outros fatores que contribuem para essa diferença social, tais como: a indisciplina, descrença da família e alunos em seu potencial formativo, professores que se negam a ensinar atribuindo a culpa nas crianças e fatores externos, dentre outros.

---

<sup>3</sup> O Programa de **Residência Pedagógica** articulado com o programa Capes tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

Desde o primeiro exame de proficiência do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) em 1995, um grande número de estudos sobre as notas médias de alunos vem sendo realizado. O objetivo desses estudos é identificar qual a contribuição de alunos, professores e escolas para determinar a qualidade educacional. Um aspecto importante que pode ser considerado a partir da função de produção escolar é a diferença de desempenho observada entre escolas públicas e privadas. Essas análises constam que o setor privado alcança resultados superiores, devido a fatores determinantes, tais como práticas educacionais ou arranjos administrativos, que possibilitem maior eficiência na produção de educação.

Diante disso há a necessidade de enfrentar essa situação com maiores esforços, sendo preciso que os envolvidos no processo educacional reflitam elementos que possam compreender esses fenômenos sociais, políticos e culturais.

“por decretos” [...] reflete o descompromisso de muitos e a responsabilização de poucos com aquilo que deveria ser transformado. A escola tem uma vida interior que, sem ser alterada por códigos legislativos, pode trabalhar com o homem em nova dimensão, bastando para isso que seus membros se disponham a estabelecer um novo projeto de reflexão e ação (NAGEL, 1989, p.10).

Há uma crença de que falta o compromisso ético dos profissionais, visto que as práticas pedagógicas exercem um papel fundamental no aprendizado da criança, não somente isto, mas o conhecimento científico de um professor eleva o nível de seus alunos, de forma que o educador procura meios efetivos com base na ciência a fim de desenvolver no indivíduo todas suas potencialidades.

Mediante o exposto, faz necessário que dissertemos sobre os métodos de alfabetização, os quais são fundantes para o professor que atua no Ensino Fundamental 1º ciclo.

Historicamente o Brasil teve influência de diferentes métodos. Segundo Mortatti (2000) a educação brasileira perpassou por três métodos em específicos, denominados sintéticos, analíticos e misto ou eclético.

Métodos é a soma de ações baseadas em um conjunto de princípios e hipóteses psicológicas, linguísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados. Em alfabetização o método será, pois o resultado da determinação dos objetivos a

atingir (conceitos, habilidades, atitudes que caracterizarão a pessoa alfabetizada). (SOARES, 2004, p.93)

Mortatti (2000) explica que na busca de melhorias eram se repetidos inúmeros esforços de mudanças para a superação das dificuldades presente neste momento histórico, compreendo o alto índice de analfabetismo e analfabetismo funcional. Desta forma concentrando-se em métodos de ensino da leitura e escrita. Dado isso o Brasil possui inúmeras influências de diferentes métodos de alfabetização.

O método sintético prioriza a leitura e cópia de documentos manuscritos, ampara-se por meio de estímulos visuais e auditivos, sendo um método baseado na memorização. Constitui uma correspondência entre som e grafia, entre oral e escrito, aprendendo letra por letra, em seguida sílaba por sílaba e por última palavra por palavra. Este método prioriza a leitura por meio da utilização da “Cartas do ABC”

[...] métodos de marcha sintética (da ‘parte’ para o ‘todo’): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes as letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Quanto à escrita, este se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, a cópias, ditados e formação de frases, enfatizando o desenho correto das letras (MORTATTI, 2006, p.4)

No método Alfabético a criança aprende o nome das letras maiúsculas e minúsculas, a sequência do alfabeto e as letras entre si, formando sílabas ou palavras.

O método alfabético ou de soletração caracteriza-se pela aplicação através de uma sequência fixa baseada nos estímulos auditivos e visuais, sendo a memorização o único recurso didático utilizado, pois, de acordo com Carvalho (2010, p.22), “[...] o nome das letras é associado à forma visual, as sílabas são aprendidas de cor e com elas se formam palavras isoladas. [...]”. Esse método tem como objetivo a combinação entre letras e sons. (ALMEIDA, 2008, p.4)

Baseando-se na associação de estímulos visuais a auditivos, priorizando a memorização como fator determinante, considerado um dos mais rápidos e simples, podia ser aplicado a qualquer criança. Este compreende o método fônico que utiliza do fonema, o método alfabético, que envolve a unidade da letra e o método silábico que utiliza do segmento das sílabas.

Segundo Araújo (1995) o método fônico é uma forma de reação às críticas ao método anterior, o de soletração, este é ensinado a partir dos sons das vogais e depois as consoantes, à medida que se aprende os sons é possível se criar uma correlação mais complexa. Existe uma sequência a se seguir iniciando pelos sons

mais simples aos mais difíceis, trata-se da relação entre a fala e a escrita. As atividades são desenvolvidas por meio de palavras e pequenos textos, o uso de histórias são bastante utilizados pelos educadores, servindo de recurso para a emissão dos fonemas.

Frade (apud FONTES E BENEVIDES, 2012, p.3) explica que o método silábico atende a um princípio facilitador da aprendizagem, pois, ao falarmos, pronunciamos as sílabas e não letras separadas, este acessa diretamente a sílaba e não o fonema, concretizando os seguimentos da fala e escrita. No desenvolvimento deste método deve-se escolher uma ordem do mais fácil ao mais complexo. Em várias cartilhas, são expostas as famílias silábicas, na qual há uma estrutura e ordem das famílias silábicas.

Uma das maiores críticas ao método sintético era que, este ensinava de maneira isolada sem significado e sem finalidades de compreensão, desta forma impedindo que os alunos criassem uma análise, prejudicando na criação de textos. No entanto alunos alfabetizados pelo método adquiriam uma ortografia sem erros, visto que o ensino se embasa por regras e repetições.

No que diz respeito ao método analítico é possível afirmar que ele surge no final do século XIX, com a reforma da instrução pública no Estado de São Paulo surgem os defensores do método analítico, em contrapartida ao método sintético esta parte do princípio que, a alfabetização deve ser conduzida do todo para a parte. Isto é, de uma leitura global e audiovisual para as partes. Trabalhando textos na sua íntegra, para em seguida com os setores. Nesta mesma linha de análise, vale para frases e palavras. Segundo os seguidores deste método, a criança aprende a coerência do todo, em seguida, o aspecto geral e dividido em quantos detalhes for preciso.

[...] baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção — de caráter biopsicofisiológico — da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética. A despeito das disputas sobre as diferentes formas de processuação do método analítico, o ponto em comum entre seus defensores consistia na necessidade de se adaptar o ensino da leitura a essa nova concepção de criança. (MORTATTI, 2015, p.7)

O método analítico compreende os métodos de palavração, sentencição e global. Segundo Soares (1986), Comênio é o introdutor do método da palavração, por volta da metade do século XVII. Ele consiste na apresentação da palavra e a unidade do pensamento e a busca da leitura como fonte de prazer. As palavras são apresentadas em agrupamentos e os alunos aprendem a reconhecê-las pela visualização e pela configuração gráfica. No desenvolvimento de atividades, são utilizados cartões para a fixação, com palavras de um lado e figuras do outro, exercícios para o ensino de movimento de escrita de cada palavra. No entanto o recurso de ilustração nem sempre é consensual.

No processo de palavração, palavras são apresentadas em agrupamento retiradas de um texto ou de uma história, os alunos aprendem por meio da relação da palavra com a imagem.

[...] a criança é colocada diante de uma lista de palavras ditas e compreendidas num processo oral, usando, assim, a técnica da memorização, para o reconhecimento global de certa quantidade de palavras da lista em combinações diferentes, para construir sentenças significativas e, na sequência, trabalhar as sílabas/letras até a criança se tornar capaz de fazer, de forma automática, as conversões letras/sons. (MORAIS, ALBUQUERQUE E LEAL, 2008, p.17)

No processo da sentença, o alfabetizador utiliza a comparação das palavras, no entanto, ele isola os elementos conhecidos dela ampliando, assim, o vocabulário. Dessa forma, irá surgir novas palavras e fazer a leitura delas. “Na sentença, a unidade inicial do aprendizado é a frase, que é depois dividida em palavras, de onde são extraídos os elementos mais simples: as sílabas” (BORGES, 2008, p. 3).

O método global encontra apoio na teoria de Decroly, que por sua vez diz que a aprendizagem da criança ocorre através de observação, associação e expressão. Sendo assim o método global é um conjunto de métodos analíticos que se configuram a partir do sentido do todo para as partes. Defende que as crianças percebem a linguagem em seu aspecto global, a leitura é uma atividade de interpretação de ideias que analisa que as partes devem ser um processo posterior.

Por fim, em meados de 1920, surge o Método Misto ou Eclético, surge em meados de 1920, procurando reconciliar os métodos anteriores ora analítico-sintético ora sintético-analítico. Consiste na mistura intencional e sistematizada dos métodos, cuja finalidade era medir o nível de maturidade necessário ao aprendizado da leitura e da escrita, visando à maior rapidez e eficiência na alfabetização. A importância do método fica em segundo plano uma vez que o como ensinar encontra-se agora subordinado à maturidade da criança e as questões de ordem didática, subordinam-se as de ordem psicológicas. Entretanto, permanece a função instrumental de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita entendidas como habilidades visuais, auditivas e motoras.

A abordagem tradicional do processo de ensino aprendizagem eram teorias empiricamente validadas. No entanto as críticas aos métodos tradicionais marcaram o início do surgimento das novas abordagens de ensino que tiveram a própria abordagem tradicional como referencial teórico e prático de ensino.

Desta forma, surge uma nova perspectiva na concepção de alfabetização, que se dá a partir dos processos utilizados pelos estudos sobre o construtivismo, baseado nos estudos de Piaget, que considera o conhecimento como um processo de organização de dados.

Antunes (2009) explica que Piaget buscou investigar como se constrói o pensamento e o desenvolvimento da inteligência humana. Sua teoria é

fundamentada na certeza de que o saber que busca produzir nos alunos não é ensinado, não é transmitido de uma pessoa para outra, mas um saber estimulado a partir de experiências, quando o aprendiz ouve e opina, compara o que aprende com o que já sabe, constrói uma representação pessoal sobre os saberes que conquista. Assim a ideia construtivista não se baseia na apresentação de conhecimentos prontos, não aceita que um aluno possa aprender quando apenas escuta o professor que transmite seu conhecimento.

Neste sentido, Ferreiro (2001) em seus estudos propõe aos professores o “saber como” para o “saber sobre”, ou seja, sair do como se escreve e começar a entender o sentido de como a palavra é organizada. A teoria desenvolvida pela autora não se fundamenta em concepções mecanicistas sobre o processo de alfabetização, mas segue os pressupostos construtivistas e interacionistas de Piaget. Do ato de ensinar, o processo desloca-se para o ato de aprender por meio da construção de um conhecimento que é realizado pelo educando, que passa a ser visto como um agente ativo.

Para Ferreiro e Teberosky (1999), a alfabetização é um processo contínuo de domínio de sistemas, símbolo e sinais. Sendo a organização da leitura e da escrita, havendo um início sem fim, pois, o indivíduo sempre estará aprendendo uma nova palavra. Acreditam que as crianças desenvolvem sua maneira de aprender a ler e escrever, buscando seu próprio conhecimento. Afirmam que as crianças, nas séries iniciais, constroem seus conhecimentos acerca da representação da escrita, conquistando modos de interpretação que antecedem a representação alfabética da linguagem.

Ferreiro (2011) relata que a aprendizagem da leitura e da escrita perpassa por níveis sendo eles nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético.

No nível pré-silábico o educando não percebe a escrita como uma representação do falado, não estabelece relação entre a fala e a escrita. Nesse nível, a criança tenta diferenciar entre desenho e escrita, utiliza no mínimo duas ou três letras para poder escrever palavras, reproduz os traços da escrita, de acordo com seu contato com as formas gráficas, escolhendo a mais familiar para usar. Nas



suas hipóteses de escrita, percebe que é preciso variar os caracteres para obter palavras diferentes.

No nível silábico o educando estabelece relações entre a fala e a escrita, há uma correspondência entre a grafia e as partes do falado, sua leitura é silabada. Utiliza os símbolos gráficos de forma aleatórias, usando apenas consoantes ou apenas vogais, até letras inventadas e repetindo-as de acordo com o número de sílabas das palavras. (FONTES, p. 67, 2013)

Na fase silábico-Alfabético a criança compreende que a escrita representa o som da fala, faz associação com vogais ou somente consoantes, fazendo grafias equivalentes para palavras diferentes. Por exemplo, AAO para cavalo ou ML para mola e mula conseguindo combinar vogais e consoantes numa mesma palavra, numa tentativa de combinar sons, no entanto a sua escrita ainda não é sociável.

No nível Alfabético o aluno compreende que a escrita possui uma função social: a comunicação. Entende o modo de construção do código da escrita e que cada caracteres da escrita corresponde a valores menores que a sílaba. Conhece o valor sonoro das letras e escreve como fala.

Sendo assim a aprendizagem acontece conforme o tempo específico de cada criança devendo ser respeitados, não existindo a necessidade de uma padronização no processo de alfabetização.

Ferreiro (1990, p. 41) afirma que “um novo método não resolve os problemas. É preciso reanalisar as práticas de introdução da língua escrita, tratando de ver os pressupostos subjacentes a elas, e até que ponto funcionam como filtros de transformação seletiva e deformante de qualquer proposta inovadora”.

Desta forma estudos foram realizados comprovando que, para que o ato de ler e escrever sejam efetivados, é necessário haver habilidades de processamento fonológico.

De acordo com Carvalho (2003), a consciência fonológica diz respeito à habilidade de reflexão sobre as subunidades da língua oral, os fonemas, as sílabas e as palavras.

Neste sentido segundo Gombert (1992) a consciência fonológica é definida como um conhecimento da estrutura interna das palavras e pela habilidade de manipular intencionalmente as unidades que a constituem.

A consciência fonológica possibilita a produção de novas palavras por meio do domínio de rimas, de aliteração e de fonemas. Essa habilidade está relacionada maneira direta com o aprendizado da escrita. Desse modo, se a criança não possui habilidades de leitura e escrita podem haver frustrações não só no período de alfabetização, mas futuramente também, afetando sua autoestima (ZUANETTI, SCHNECK e MANFREDI, 2008).

Esta habilidade, quando desenvolvida desde cedo, facilita o processo de aquisição da escrita. “Ela permite fazer da língua um objeto de pensamento, possibilitando a reflexão sobre os sons da fala, o julgamento e a manipulação da estrutura sonora das palavras.” (LAMPRECHT, 2004, p. 179)

### **3. UM TEMA E DUAS REALIDADES: AS CONSTATAÇÕES**

Durante o ano letivo de 2019 de fevereiro a dezembro foi possível observar algumas práticas pedagógicas desenvolvidas por duas professoras alfabetizadoras do primeiro ano do Ensino Fundamental, uma da escola Particular, que chamaremos de “Patrícia” e outra da escola pública que denominaremos como “Graça”. Iremos analisar os dois contextos, desde a estrutura física, planejamento, rotina e as práticas de alfabetização.

A escola na qual “Patrícia” atua possui grandes pátios para as crianças brincarem e realizarem atividades propostas pelos professores. Possui quatro quadras, sendo duas cobertas e duas abertas, também uma pista de corrida, refeitórios com venda de alimentos e bebidas, salas de aulas, sala dos professores, recepção, sala de audiovisual, sala da gerência do colégio, secretaria, sala da direção, sala de atendimento, banheiros, biblioteca, parques, dois teatros, sala de música, sala de dança, sala de judô, laboratório de química e sala de informática com notebooks. A sala de aula de “Patrícia” é mobiliada com armários para seu uso pessoal e para os alunos, na qual podem guardar seus cadernos e livros. Possui mesas e cadeiras, dois quadros sendo um quadro negro e o outro quadro branco e um notebook. A sala dispõe também de materiais didáticos como: jogos alfabetizadores, materiais dourados, ábacos, formas geométricas, livros infantis,

alfabeto móvel, jogos da memória, quebra-cabeças, retroprojektor, alfabeto e números colados na parede.

A instituição na qual “Graça” atua possui salas de aulas, sala de apoio Pedagógico Especializado, refeitório, biblioteca, pátio limitado para as crianças brincarem, uma quadra coberta, sala dos professores, sala da direção, secretaria, sala multiuso, sala de informática e banheiros. A sala de “Graça” é mobiliada com armários para seu uso pessoal e para os alunos guardarem seus cadernos e livros. Possui um quadro negro, mesas e cadeiras. Como recursos didáticos dispõe de livros infantis e materiais que a própria professora elaborou sendo o alfabeto e números que estão colados na parede, quando necessário utilizar outros materiais “Graça” precisa se locomover para a sala de multiuso, na qual contém recursos como: o material dourado, jogos da memória, jogos de alfabetização, quebra-cabeças, dentre outros.

O planejamento de “Patrícia” é elaborado a partir do planejamento coletivo elaborado pelas professoras na qual estão as metas a serem atingidas. Este deve ser feito a partir de conteúdos e atividades que devem ser trabalhadas semanalmente. As professoras não possuem hora atividade, então nas aulas de educação física, inglês, arte e música é orientado para que foquem em seu planejamento, depois de terminado as mesmas enviam ao e-mail da pedagoga para a correção. Todas as atividades devem ser criadas pelas professoras, não devem pegar atividades prontas da internet. Caso haja erros e incoerências é marcado uma reunião com a coordenadora pedagógica para a orientação. Neste tempo de observação da escola particular podemos perceber que a relação professor e pedagogo não se faz tão presente, pois em muitos momentos as professoras conversam entre si para elaborar o planejamento, devido que a pedagoga vive sobrecarregada de trabalhos, então não é possível realizar encontros com frequência.

O planejamento de “Graça” por sua vez é enviado pela Secretaria de Educação e pode, caso julgue necessário alterá-lo. Em sua hora atividade conversa com as demais professoras, para discutir ideias e atividades a serem aplicadas, As atividades são escolhidas a partir do conteúdo a ser trabalhado na semana, muitas das atividades são tiradas da internet, em momentos de dúvida recorre a

coordenadora pedagógica e recebe auxílio para a elaboração. Nesta escola o trabalho coletivo é mais presente.

A rotina escolar de “Patrícia” varia entre os dias que há outras aulas, como Educação Física, Arte, Música e Inglês, mas geralmente inicia com a oração no início da aula, em que escolhe dois alunos diferentes, todos os dias, para conduzirem a oração, depois pergunta para a turma o dia da semana, o primeiro a responder tem direito a riscar o dia do calendário da sala. Em seguida é solicitado aos alunos que abram a agenda no dia correspondente para verificar se há algum recado dos pais, após a verificação, os alunos pegam a sua tarefa de casa que varia entre escrita no caderno e atividades impressas, a partir disso a professora corrige as tarefas de todos os alunos, mostrando seus erros e acertos. Depois da correção Patrícia inicia o conteúdo proposto para o dia, explicando aos alunos e indagando-os a respeito do conhecimento prévio. É um momento no qual os alunos podem expor suas opiniões. Depois há o intervalo e os alunos antes de serem liberados lancham dentro da sala de aula. Desde o início do ano são trabalhados com eles a questão da limpeza da sala, desta forma os alunos procuram manter a sala limpa. Após o lanche as crianças podem brincar por vinte minutos no pátio ou na quadra de futebol, são disponibilizados a eles bolas, bambolês e cordas. Quando bate o sinal as crianças vão ao banheiro e voltam para a sala, “Patrícia” retoma o conteúdo. Faltando quarenta minutos para acabar a aula explica a tarefa de casa e pergunta aos alunos se existem dúvidas ou não, depois disponibiliza um tempo para brincadeiras. As crianças podem sair da sala para brincarem no parque ou no pátio acompanhadas pelas professoras.

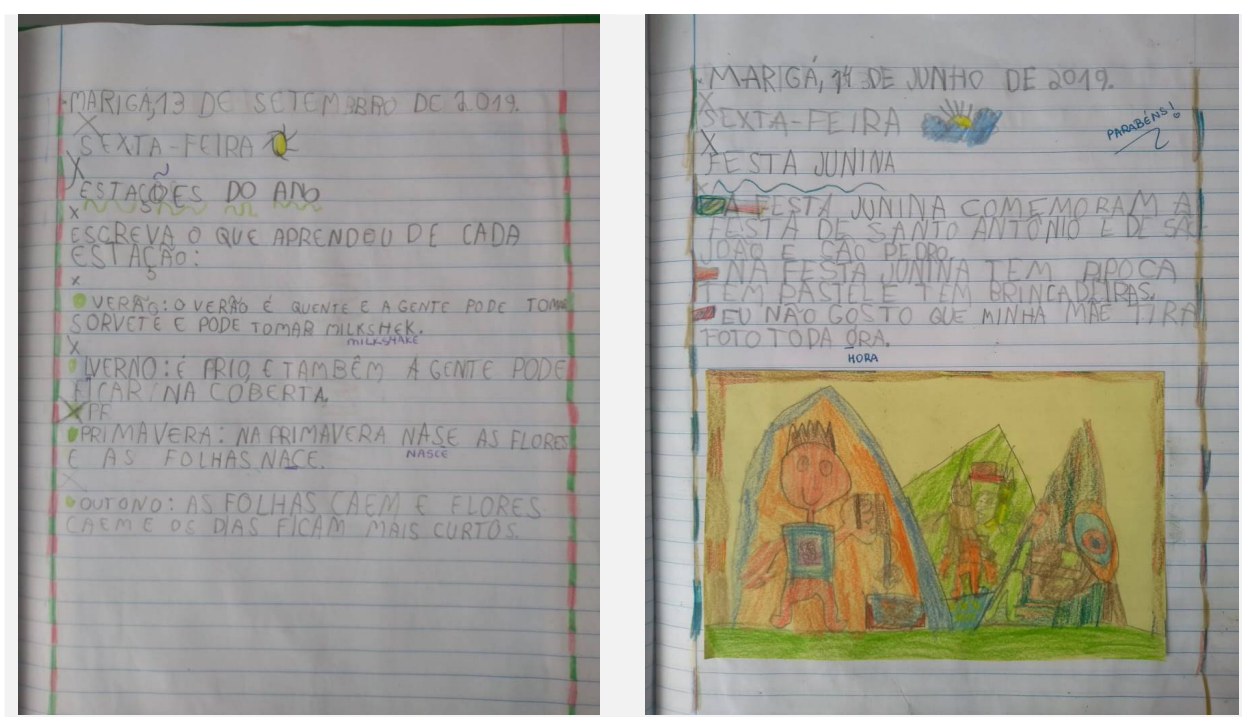
A rotina de “Graça” se dá por meio da oração no início da aula, na qual ela faz a oração, indaga a respeito do dia da semana, porém ao longo do ano este questionamento não se fez tão presente. Depois solicita aos alunos que peguem o caderno de tarefa e deixem em sua mesa em seguida recolhe os cadernos para correção. Logo após escreve o cabeçalho no quadro e explica o conteúdo a ser estudado e as atividades que deveram realizar. Geralmente são de três a quatro atividades impressas em uma aula. No intervalo os alunos formam uma fila indiana para irem ao refeitório comer, depois podem ir no pátio para brincarem. São disponibilizados aos alunos alguns brinquedos, bolas, cordas, bambolês e um rolo

de papel kraft para desenharem. Após o sinal voltam a sala de aula e dão continuidade nas atividades. Não há explicação da tarefa, apenas são coladas no caderno para que no dia seguinte eles tragam novamente para a correção.

De acordo com a prática pedagógica adotada pela “Patrícia” vemos que procura relacionar a prática com a teoria, permitindo que o aluno seja ativo em sala de aula, que o mesmo possa opinar e expor suas vivências. No início do ano trabalhou os sons das letras, perguntando individualmente aos alunos qual o som que determinada letra faz, depois nas sílabas e por fim palavras. Um dos métodos de alfabetização que “Patrícia” mais utiliza são em formas de jogos, na qual divide a turma em grupos para que eles possam responder perguntas, como por exemplo como se escreve a palavra “escola”. Desta forma cada criança de cada grupo pode ir ao quadro. “Patrícia” procura enfatizar os sons de cada letra ao registrar as palavras no quadro, perguntando como se escreve determinada palavra e quais letras deve colocar na ordem. Nos momentos dos jogos de alfabetização os alunos que se demonstraram mais avançados em relação aos outros, eram direcionados para uma sala na qual os jogos eram mais complexos, desde na formação de frases até pequenos textos. Os que possuíam um pouco de dificuldade ficavam com a auxiliar, fazendo jogos mais simples, desde a leitura e formação de palavras simples de uma ou duas sílabas com o alfabeto móvel até na diferenciação dos sons de cada letra. Quando os alunos com dificuldade progrediam, as palavras ficaram mais complexas aumentando as sílabas, quando entenderam o significado dos sons, das letras, sílabas e palavras os jogos embasaram na formação de frases e pequenos textos. Vimos que eles gostam muito dessas atividades interativas, o que os motiva a exercitar a leitura. Ao longo do ano “Patrícia” propôs brincadeiras fora de sala de aula que remetiam ao conteúdo. A professora realiza diariamente uma leitura, pede aos alunos que retirem de dentro de uma caixa fichas e, depois solicita que façam a leitura das palavras em voz alta, fazendo uma competição entre eles. Os diversos textos os ajudam a ter um contato diário com a leitura, onde a prática ajuda-os a adquirirem mais segurança no ato de ler. A contação de histórias é realizada na biblioteca, muitas vezes utilizando fantoches. Não somente na biblioteca, mas em sala de aula, algumas histórias eram inventadas envolvendo situações com os alunos da sala, na qual podiam interagir com a história dando palpites para a

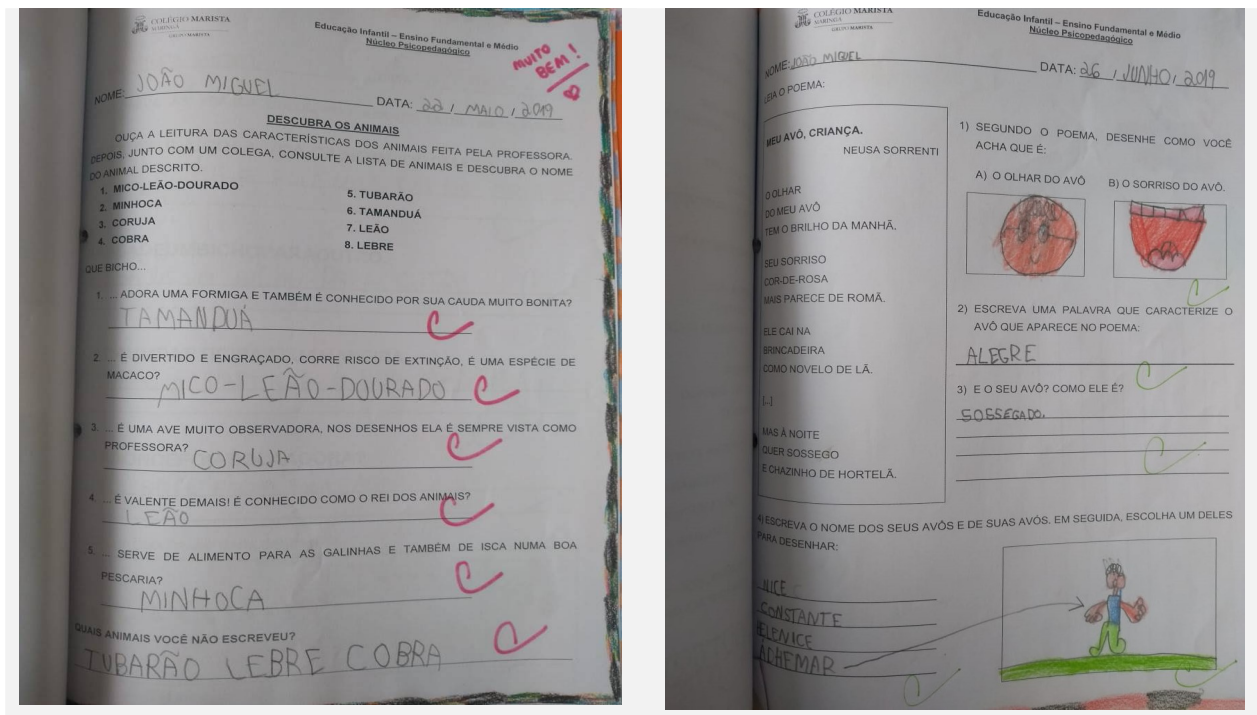
professora do que deveria fazer. As crianças tem um período de uma semana para lerem os livros da biblioteca para depois expor na frente da turma sobre seu livro. As atividades de “Patrícia” variam entre atividade escrita com desenhos e atividades impressa, nas atividades são solicitados aos alunos que os mesmos desenvolvam por meio da escrita o que foi aprendido a partir do conteúdo aplicado, desta forma os alunos se habituem à escrita, como podemos ver nas figuras 1 e 2.

**Figura 1 – Atividades Escritas**



Fonte: Acervo das autoras

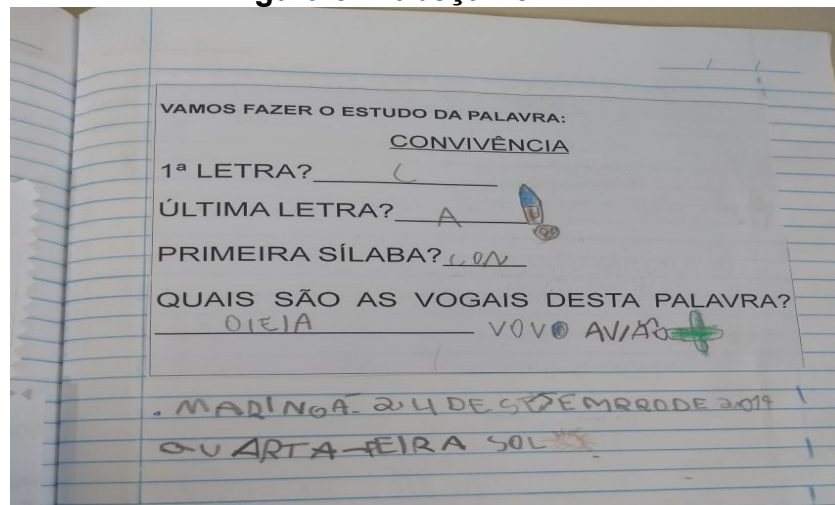
Figura 2 – Atividades impressas



Fonte: Acervo das autoras

Nas observações realizadas na sala de “Graça”, percebemos que os alunos não possuem voz, são passivos. A professora não dá espaço para que os mesmos possam expor suas ideias. Ao alfabetizar procurou ressaltar a repetição, pedindo que repetissem o alfabeto e as sílabas. Geralmente suas aulas são expositivas, com atividades de memorização. Percebemos um certo receio de querer inovar ou trazer algo diferente. Ao longo do ano foram utilizadas algumas rimas e parlendas, a professora lia linha por linha e os alunos deveriam reproduzir a leitura, podemos dizer que este método funcionou com alguns, pois ao final do ano estão alfabetizados, no entanto outros possuem muita dificuldade na leitura e escrita. A professora não realiza contação de história, são disponibilizados livros para as crianças levarem para casa, no entanto não se faz nenhum questionamento sobre eles, afim de garantir se a criança leu ou não. Ao observar os cadernos, tanto de classe e tarefa, capitamos que as atividades acabam sendo simples e repetitivas não havendo avanços desde o início do ano, também há pouca escrita se limitando somente ao cabeçalho. Isto pode ser constatado na Figura 3.

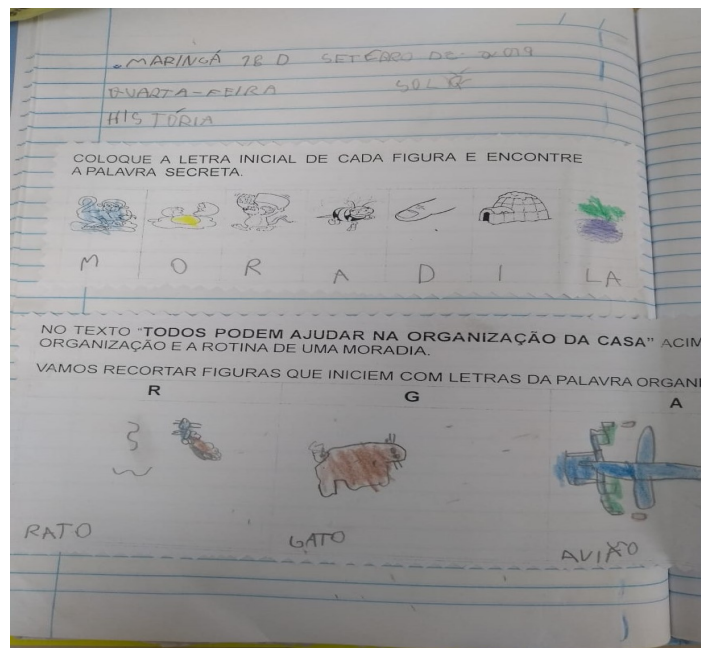
**Figura 3- Cabeçalho**



Fonte: Acervo das autoras

Como dito anteriormente em uma aula, “Graça” aplica de três a quatro atividades, desta forma o caderno fica com muitas colagens conforme ilustrados nas figuras 4 e 5. Sendo assim o aluno não consegue se apropriar da escrita e ter uma boa caligrafia respeitando todos os espaços das palavras.

**Figura 4- Colagens**



Fonte: Acervo das autoras



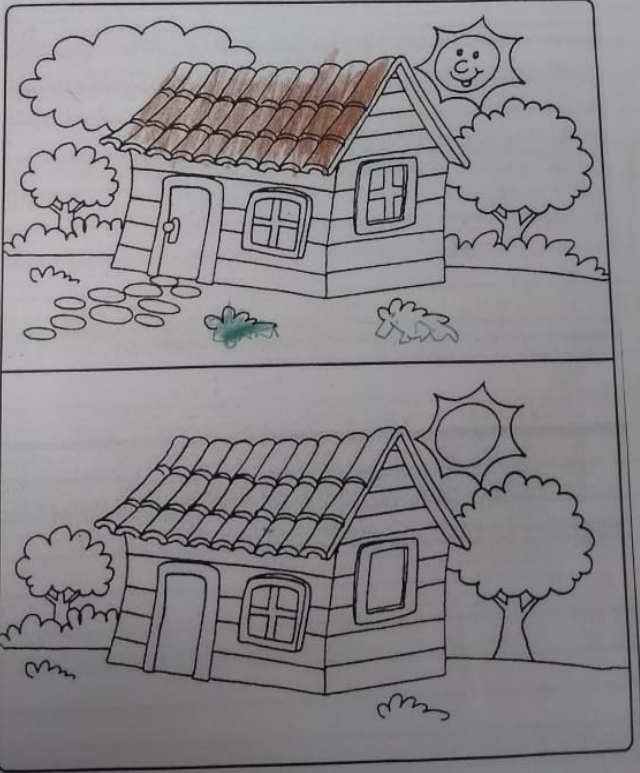
Figura 5- Colagens

**PROBLEMATIZAÇÃO DE HISTÓRIA**

MORADIA É O LUGAR ONDE VIVEMOS COM FAMILIARES.

- 1) NA MORA DIA EXISTEM MUITAS TAREFAS PARA SEREM FEITAS. É IMPORTANTE DIVIDI-LAS?
- 2) NO PASSADO, AS MORAPIAS ERAM IGUAIS AS DE HOJE?
- 3) TODAS AS PESSOAS POSSUEM UM LUGAR PARA MORAR?

**JOGO DOS SETE ERROS**



Fonte: Acervo das autoras

#### 4. ANÁLISES

Ao equiparmos as duas instituições, no quesito espaço físico podemos ver que a rede particular possui mais recursos financeiros, desde materiais didáticos e mais ambientes educacionais com maiores espaços. Mas no geral as duas escolas possuem ambientes que possam ocorrer o aprendizado do aluno.

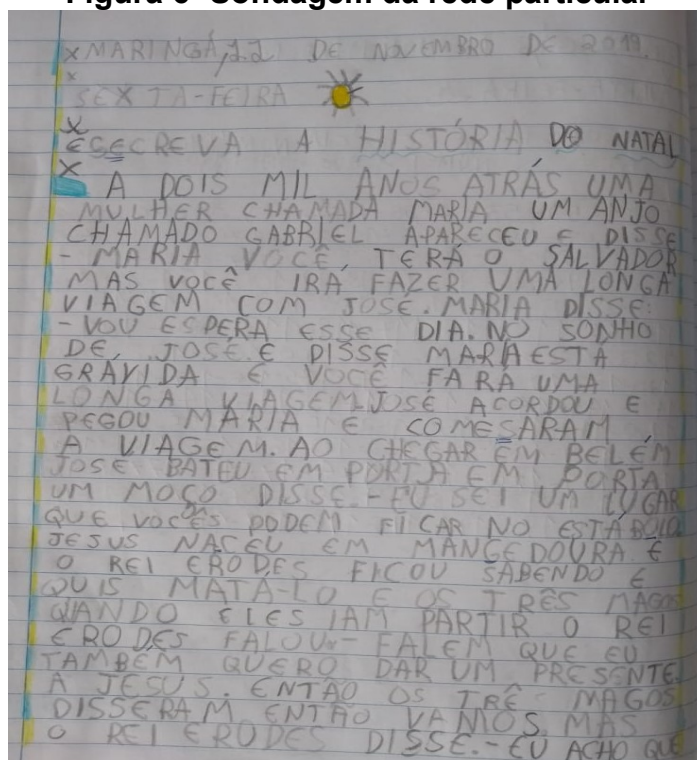
As rotinas das duas professoras são parecidas, pois envolvem a oração no início da aula, correção de atividades, atividades em sala de aula, intervalo e tarefa.

Ao analisar o planejamento das professoras não há muitas diferenças, visto que o objetivo principal está presente de forma a relacionar o cotidiano das crianças com conceitos científicos, interagindo com situações de leitura e escrita nas atividades. Os conteúdos que foram trabalhados ao longo do ano são os mesmos, desde a leitura e escrita utilizando livros, parlendas, cantigas de roda, poesia, fábulas, sequência numérica do número 1 ao 100, situações problema de matemática envolvendo adição e subtração, conteúdos de História, Geografia, Ciências abordando questões de cada matéria relacionando com a alfabetização. No entanto a principal diferença está na forma como cada professora aplica o conteúdo em sala.

As práticas de alfabetização de “Patrícia” envolvem o construtivismo, pois a mesma procura relacionar a teoria com a prática, buscando métodos criativos para que o aluno possa se desenvolver. “Graça” segue um princípio mais tradicionalista, não procura trazer algo diferente para seus alunos, sendo muitas vezes aulas expositivas e repetitivas. Não disponibiliza um momento para que os alunos manifestem suas opiniões.

Ao compararmos o desenvolvimento dos alunos podemos afirmar que os da rede particular se desenvolveram melhor, pois, no final do ano estão alfabetizados. Na figura 6 podemos ver uma sondagem realizada no mês de novembro por um aluno da escola privada.

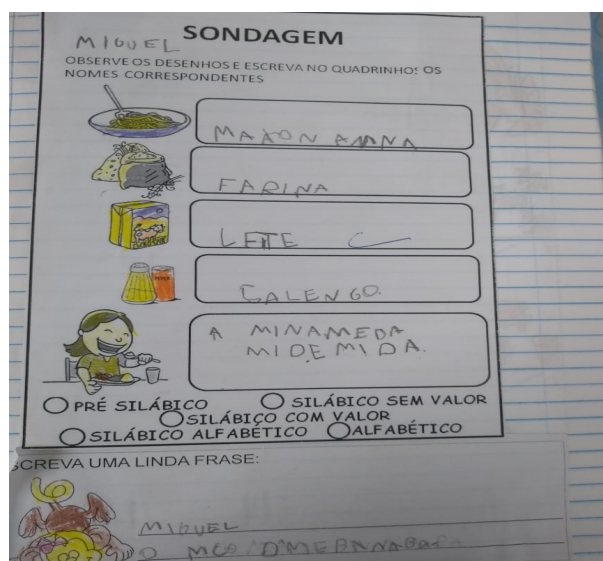
**Figura 6- Sondagem da rede particular**



Fonte: Acervo das autoras

Muitos dos alunos da rede pública estão com muitas dificuldades na leitura e escrita, alguns afirmam que não sabem ler e mesmo os alunos que estão alfabetizados não conseguem escrever frases longas. A seguir na figura 7 consta a sondagem de um aluno da escola pública que foi realizada no mês de novembro.

**Figura 7- Sondagem da rede pública**



Fonte: Acervo das autoras

Desta forma, entendemos que a prática docente que o professor adota faz diferença no aprendizado do aluno, levando em consideração as duas realidades, sabemos que a rede particular possui mais condições materiais que podem auxiliar na educação do indivíduo e há uma exigência maior por parte dos professores, que devem constantemente apresentar algo diferente para as pedagogas. A aula de “Patrícia” se mostrou mais efetiva, de modo que os alunos atingiram o nível alfabético, não apenas se apropriaram da escrita, mas conseguem interpretar textos e entendem a razão social da leitura e escrita. A rede pública engloba muitos fatores que por sua vez prejudicam os professores e alunos, levando em consideração as condições sociais das crianças, que dificultam no processo de aprendizagem. No entanto é preciso que os professores se dediquem para mudar esta realidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conceito de alfabetização sofreu alterações ao longo das últimas décadas. O que antes consistia apenas no domínio do código escrito, hoje essas perspectivas não atendem mais as grandes transformações sociais. Assim, podemos notar que a língua vive em constante mudança, e com elas novas maneiras de se alfabetizar surgem.

Atualmente várias tendências influenciam as práticas pedagógicas dos professores. Dessa forma, o alfabetizador pode ter um bom conhecimento teórico, que norteie a sua condução das práticas de alfabetização em sala de aula.

Ao equiparar as duas realidades, sendo uma pública e outra particular percebemos que ambas as professoras do primeiro ano utilizam práticas de alfabetização diferentes, uma segue o princípio construtivista, aliando seus conhecimentos científicos com a alfabetização permitindo aos alunos experiências com situações de aprendizado. A outra aborda um ensino tradicionalista, sendo um ensino na base da repetição com poucas práticas educacionais.

Os alunos da rede particular demonstraram avanços aos da escola pública; de acordo com o que lhes foi proporcionado desenvolveram seu conhecimento e estão alfabetizados. Dessa maneira, reconhece-se que é muito importante que o

professor consiga executar um trabalho, de modo a contribuir com a ação educativa, desenvolvendo a utilização de práticas sociais tanto da leitura quanto da escrita.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariana Aparecida Paes. Métodos alfabetizadores: reflexões acerca da prática pedagógica de uma professora de 1ª série do ensino fundamental. Educere. Anais do II Congresso Nacional de Educação. Curitiba - Paraná, 2008. Disponível em: < [http https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/344\\_948.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/344_948.pdf) >. Acesso em: 05 ago. 2019.

ANTUNES, Celso. Professores e professores: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.  
ARAUJO, M. C. C. da S. Perspectiva histórica da alfabetização. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, (Caderno 367). 1995.

BORGES, Cezar Afonso. Curso: educação infantil e alfabetização. Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena. Associação Juinense de Ensino Superior do Vale do Juruena Pós-Graduação Lato Sensu em Educação infantil e alfabetização. Mato Grosso, 2008. Disponível em: <[https://www.pos.ajes.edu.br/arquivos/referencial\\_20110625101510.pdf](https://www.pos.ajes.edu.br/arquivos/referencial_20110625101510.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.Htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.Htm). Acesso em: 12 set. 2019.

FERREIRO, Emilia. Alfabetização em processo. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. 16 ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira. Saberes mobilizados na alfabetização de crianças: percursos de práticas exitosas. Mossoró/RN, 2013. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC, Universidade DO Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró/RN, 2013.

GOMBERT, J. E. Le développement métalinguistique. Paris: PUF; 1992.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. Disponível em: <[www.inep.gov.br/](http://www.inep.gov.br/)>. Acesso em: 19 abr. 2019.

LAMPRECHT, Regina Ritter. Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia/ Regina RitterLamprecht, Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha, Gabriela Castro Menezes de Freitas, Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, Carolina LisbôaMezzomo, Carolina Cardoso Oliveira e Letícia Pacheco Ribas – Porto Alegre: Artmed 2004.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 02 mar. de 2019.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). Alfabetização: apropriação do sistema de escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/39256026/ALFABETIZACAOapropriacaodo-sistema-de-escrita-alfabetica>> Acesso em: 15 de nov. 2019.

MORTATTI, M. do R. L. Os sentidos da alfabetização. São Paulo: INESP/ CONPED/INEP, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. 2006. Disponível em:<[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf)>. Acesso em 25 ago. 2019.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. João köpke (1852-1926) na história do ensino de leitura e escrita no brasil. São Paulo: Unesp, v. 3, 2015. Disponível em:<<http://books.scielo.org/id/3nj6y/pdf/mortatti9788568334362-05.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

NAGEL, Lízia. Avaliação, Sociedade e Escola: fundamentos para reflexão. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 1989.

PATTO, Maria Helena Souza. A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SANTOS, R. M. Consciência Fonológica: Princípios básicos. Jornada Acadêmica da ULBRA. 2009.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001 (org.) Vera Massagão Ribeiro – 2ª Ed. – São Paulo, Global, 2004.

ZUANETTI, P. A.; SCHNECK, A. P. C.; MANFREDI, A. K. da S. Consciência fonológica e desempenho escolar. Rev. CEFAC, 2008, vol.10, no.2, p.168-174. ISSN 1516- 1846.